

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO

Atena
Editora
Ano 2019

MARCELO MÁXIMO PURIFI CAÇÃO
ELISÂNGELA MAURA CATARINO
(ORGANIZADORES)



TEOLOGIA
E CIÊNCIA DA RELIGIÃO:
AGENDA PARA DISCUSSÃO


Ano 2019

2019 by Atena Editora
Copyright © Atena Editora
Copyright do Texto © 2019 Os Autores
Copyright da Edição © 2019 Atena Editora
Editora Chefe: Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira
Diagramação: Geraldo Alves
Edição de Arte: Lorena Prestes
Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof^a Dr^a Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof^a Dr^a Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof^a Dr^a Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof^a Dr^a Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^a Dr^a Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Prof^a Dr^a Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Prof^a Dr^a Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Dr^a Sandra Regina Gardacho Pietrobom – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Prof^a Dr^a Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^a Dr^a Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof^a Dr^a Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Dr^a Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof^a Dr^a Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof^a Dr^a Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)	
T314	<p>Teologia e ciência da religião [recurso eletrônico] : agenda para discussão / Organizadores Marcelo Máximo Purificação, Elisângela Maura Catarino. – Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019.</p> <p>Formato: PDF Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader Modo de acesso: World Wide Web Inclui bibliografia ISBN 978-85-7247-845-8 DOI 10.22533/at.ed.458191912</p> <p>1. Religião. 2. Sociologia. 3. Teologia. I. Purificação, Marcelo Máximo. II. Catarino, Elisângela Maura.</p> <p style="text-align: right;">CDD 200.71</p>
Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422	

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

A contemporaneidade marcada pela diversidade e a globalidade das culturas nos propõem discussões e relações dialógicas, com várias ciências, vários setores da sociedade. No contexto histórico, percebe-se que Teologia e Ciências da Religião, nem sempre tiveram relação harmoniosa, no entanto, não é finalidade desta obra estabelecer a linha epistemológica dessas duas áreas. Porém, como os diálogos aqui organizados direcionam-se para o campo acadêmico – resultados de estudos e investigações -, percebe-se, nessa situação, que tanto a Teologia quanto a Ciências da Religião, possuem em comum a função de regular o pensamento crítico.

O livro “Teologia e Ciências Da Religião: Agenda para Discussão” é uma obra estruturada no viés da religiosidade que traz 18 artigos, organizados em dois blocos, ambos, marcados pela pluralidade dos diálogos produzidos em contextos distintos do nosso país, que apresentam a perspectiva de autores que transitam muito bem pelas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Nesta obra o leitor encontrará temas múltiplos, vistos pela lupa da religiosidade, cujos vieses perpassam pela perspectiva do pensamento da Teologia e/ou da Ciências da Religião, tais como: Teologia Contemporânea; Formação Teológica; Atualidade do Espiritismo; Ecumenismo; Religiosidade Contemporânea; Relação Natureza e Religião; A Palavra de Deus na Liturgia entre outros.

Desse modo, apresentamos esta obra como uma opção de leitura dinâmica e diversa, com perspectiva de relevante diálogo com o contexto Teológico e com as Ciências da Religião nas interfaces com Ciências Humanas e Sociais.

Boa Leitura!

Marcelo Máximo Purificação
Elisângela Maura Catarino

PARTE I – INTERFACES COM A TEOLOGIA

CAPÍTULO 1	1
A LAUDATO SI' E A TEOLOGIA CONTEMPORÂNEA: REVIDE DE UMA ECO-TEOLOGIA ANCESTRAL	
Harethon Silveira Domingos	
DOI 10.22533/at.ed.4581919121	
CAPÍTULO 2	7
A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA	
Álvaro Moreira Gonçalves Fernando Benetti	
DOI 10.22533/at.ed.4581919122	
CAPÍTULO 3	18
FORMAÇÃO TEOLÓGICA PARA LEIGOS: ESTRUTURA E FUNCIONAMENTO	
Omundsen de Melo Costa Junio	
DOI 10.22533/at.ed.4581919123	
CAPÍTULO 4	30
MEDELLÍN E A “REVELAÇÃO ESCANDALOSA DE DEUS”, SEGUNDO A CRISTOLOGIA DE J. SOBRINO	
Matheus da Silva Bernardes	
DOI 10.22533/at.ed.4581919124	
CAPÍTULO 5	38
A ESCUTA DA PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EM TEMPOS BARULHO	
Ademilson Tadeu Quirino	
DOI 10.22533/at.ed.4581919125	
CAPÍTULO 6	44
DO DEUS CRUCIFICADO AO POVO CRUCIFICADO: A “THEOLOGIA CRUCIS” NA CRISTOLOGIA DE JON SOBRINO	
Eugenio Rivas	
DOI 10.22533/at.ed.4581919126	
CAPÍTULO 7	52
NIILISMO E RELIGIÃO: CONSIDERAÇÕES SOBRE O NIILISMO SOB A ÓTICA NIETZSCHIANA	
Eduardo Marcos Silva de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.4581919127	

CAPÍTULO 8	61
UM ESTRANHO INCÔMODO À NOSSA PORTA: JESUS, UM PROFETA FRONTEIRIÇO	
Raphael Colvara Pinto	
DOI 10.22533/at.ed.4581919128	
CAPÍTULO 9	71
ATUALIDADE DO ESPIRITISMO COMO RELIGIÃO	
Flávio Rey de Carvalho	
DOI 10.22533/at.ed.4581919129	
PARTE II – INTERFACES COM A CIÊNCIAS DA RELIGIÃO	
CAPÍTULO 10	79
A “QUESTÃO RELIGIOSA” NA MANCHESTER MINEIRA: AS DIVERGÊNCIAS ENTRE A IGREJA CATÓLICA E A MAÇONARIA ENTRE FINS DO SÉCULO XIX E PRINCÍPIOS DO SÉCULO XX NA CIDADE DE JUIZ DE FORA	
Rafael de Souza Bertante	
DOI 10.22533/at.ed.45819191210	
CAPÍTULO 11	93
O ECUMENISMO : ANÁLISE A PARTIR DO PENSAMENTO DE ELIAS WOLFF	
Joel Haroldo Baade Adelcio Machado dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.45819191211	
CAPÍTULO 12	106
O TERRENO BENDITO DO PRÓXIMO: A ARRISCADA PERIPÉCIA NA ABERTURA DIALOGAL COM O PRÓXIMO	
Antonio Carlos Coelho	
DOI 10.22533/at.ed.45819191212	
CAPÍTULO 13	118
SEM INTERAÇÃO COM A VIDA E A NATUREZA NÃO HÁ RELIGIÃO: MUDANÇAS ESPACIAIS, TEMPORAIS, HUMANAS E A GAMIFICAÇÃO	
Giuliano Martins Massi	
DOI 10.22533/at.ed.45819191213	
CAPÍTULO 14	131
SUSTENTABILIDADE COMO EIXO INTEGRADOR DA EDUCAÇÃO	
Evaldo Apolinário	
DOI 10.22533/at.ed.45819191214	
CAPÍTULO 15	137
EDUCAÇÃO ESCOLAR QUILOMBOLA: DESAFIOS E POSSIBILIDADES NO RECONHECIMENTO DAS DIFERENÇAS	
Elivaldo Serrao Custodio	
DOI 10.22533/at.ed.45819191215	

CAPÍTULO 16	153
ELEMENTOS TEXTUAIS NO RELATO DA CURA DA MULHER ENCURVADA	
Rivadavio de Barros Gico Junior	
DOI 10.22533/at.ed.45819191216	
CAPÍTULO 17	166
RELIGIOSIDADE/ESPIRITUALIDADE EM PESSOAS VIVENDO COM VÍRUS DA IMUNODEFICIÊNCIA HUMANA	
Clarissa Mourão Pinho	
Eduardo Tavares Gomes	
César de Andrade de Lima	
Ana Catarina de Melo Araújo	
Sara Larissa de Melo Araújo	
Evelyn Maria Braga Quirino	
Morgana Cristina Lêoncio de Lima	
Mônica Alice Santos da Silva	
Cynthia Angelica Ramos de Oliveira Dourado	
Simone Andrade Gonçalves de Oliveira	
Maria Sandra Andrade	
DOI 10.22533/at.ed.45819191217	
CAPÍTULO 18	182
OS CENÁRIOS DA RELIGIOSIDADE CONTEMPORÂNEA	
Celso Gabatz	
DOI 10.22533/at.ed.45819191218	
SOBRE OS ORGANIZADORES.....	194
ÍNDICE REMISSIVO	195

A IMPORTÂNCIA DA “INTELIGÊNCIA SENCIENTE”, DE XAVIER ZUBIRI, PARA A APREENSÃO DA REALIDADE LITÚRGICA

Data de aceite: 18/11/2019

Álvaro Moreira Gonçalves

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo-SP

Fernando Benetti

Faculdade de Teologia Nossa Senhora da Assunção da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo-SP

RESUMO: Com o Concílio Vaticano II, a compreensão de liturgia e de seu lugar no mistério da Igreja mudou, desenvolveu-se um novo “modus operandi” de se celebrar o mistério salvífico, a Ceia do Senhor. Esta pesquisa utilizou o pensamento de Xavier Zubiri para o estudo da liturgia, sua realidade e seu novo modo de se celebrar. A apreensão primordial da realidade, que unifica as faculdades do sentir e do inteligir humano- denominando por inteligência senciente, foi adotada por via analítica desta pesquisa. Observou-se a liturgia enquanto lugar de encontro com Deus, que se expressa como a força de imposição presente ato celebrativo, congregando a todos e lhes derramando amor. Este encontro permeia sob a unidade daqueles que se reúnem frente a Jesus Cristo, compreendidos enquanto apreensores da realidade presente. Concluiu-se que, ao

compor uma assembleia litúrgica, não devem ser prioritárias explicações ou conceitualizações, mas a vivência profunda daquilo que é celebrado: a fé e o encontro, afinal, o conteúdo mais profundo da realidade celebrada na liturgia é compreendido celebrando (sentindo) e não explicando, este conteúdo é a realidade do amor de Deus que a cada vivência ritual é atualizado o mistério pascal “*em’ realidade própria*” do apreendido.

PALAVRAS-CHAVE: liturgia, inteligência Senciente, Xavier Zubiri

THE IMPORTANCE OF “SENTIENT INTELLIGENCE”, OF XAVIER ZUBIRI FOR APPREHENSION OF LITURGICAL REALITY

ABSTRACT: With the Second Vatican Council, the understanding of the liturgy and its place in the mystery of the Church changed, a new “modus operandi” has been developed to celebrate the salvific mystery, the Lord's Supper. This research used the thought of Xavier Zubiri for the study of the liturgy, its reality and its new way of celebrating. The primordial apprehension of reality, which unifies the faculties of human feeling and intelligence – termed sentient intelligence, was adopted by analytic al approach to this research. The liturgy was observed as a place of encounter with God, which expresses itself as the force of imposing his celebratory

act, gathering everyone and pouring love to them. This encounter permeates under the unity of those home et before Jesus Christ, understood as apprehenders of the current reality. It was concluded that, when composing a liturgical assembly, explanations or conceptualizations should not be a priority, but the profound experience of what is celebrated: faith and encounter, after all, the deeper content of the reality celebrated in the liturgy is understood by celebrating (feeling) and not explaining, this content is the reality of the love of God that with each ritual experience is updated the paschal mystery “in' own reality” of the apprehended.

KEYWORDS: Liturgy, Sentient Intelligence, Xavier Zubiri

1 | INTRODUÇÃO

Ao apresentar a Igreja como Povo de Deus, que conhece e serve ao seu Senhor (LG, n.9), o Concílio Ecumênico Vaticano II ofereceu uma nova modalidade litúrgico-ritual que altera a vida de todos os crentes, inovando também a compreensão de liturgia e seu lugar no mistério da Igreja. Aqueles que, em outrora, eram apenas ouvintes e espectadores do mistério salvífico, agora recebem uma normativa distinta: todos que se tornaram filhos de Deus pelo batismo devem tomar parte da ação litúrgica ativa, consciente e piedosamente (SC, n. 48): se reúnam em assembleia, louvem a Deus na Igreja, participem do sacrifício e comam da ceia do Senhor (SC, n. 10). A grande novidade litúrgico-ritual, advinda da reforma conciliar, amplia a compreensão de liturgia ao afirmar que, não apenas os clérigos são celebrantes do mistério Pascal, da realidade divina contida na Ceia do Senhor, mas todo o povo de Deus.

Esta é uma novidade que, partindo do pensamento do filósofo Xavier Zubiri, pode-se tratar e compreender através processo da *inteligência senciente*. Dessa maneira, o objetivo deste artigo está em analisar cientificamente a realidade litúrgica da Igreja Católica, porém com respeito e compreensão dos limites epistêmicos frente ao que toca o Sagrado, até porque o conteúdo mais profundo da realidade celebrada na liturgia é compreendido celebrando (sentindo) e não explicando, afinal, o sentir humano é um sentir intelectual, é radicalmente impressão de realidade, é algo dado “fisicamente” (ZUBIRI, 2011c, p. 25).

2 | LITURGIA SENCIENTE

Xavier Zubiri, em sua trilogia “Inteligência Senciente” – obra que analisa a filosofia precedente e lança bases para o conhecimento a ser construído no futuro – afirma que não se pode separar o sentir e o inteligir, afinal o “inteligir é um modo de sentir, e sentir é, no homem, um modo de inteligir” (ZUBIRI, 2011a, p. LIV). Após

uma crítica à filosofia precedente – que deve ser sempre compreendida em seu contexto – ele se detém sobre o que é a realidade e como ela é apreendida. A apreensão primordial da realidade é o grande benefício que Zubiri ofereceu ao campo da epistemologia; no itinerário em busca de uma melhor compreensão da inteligência humana, pôde ele, a partir da nova compreensão de realidade e dos modos de apreensão – de sua formalidade, seus momentos e sua índole unitária - conceber um homem novo, que na busca pela razão, caminha reconciliado com suas capacidades sensitivas e intelectivas, possibilitando um “salto do apreendido para o real, mas da própria realidade em sua dupla face de apreendida e de própria em si mesma” (ZUBIRI, 2011a, p. 36-37).

Quando tratamos acerca da inteligência senciente para apreensão da realidade litúrgica, somos obrigados a falar não apenas de nossa apreensão do real, mas da realidade mesma do apreendido em minha apreensão (ZUBIRI, 2011a, p. 36-37).

Nos escritos joaninos, encontramos a afirmação: “Deus é amor” (1Jo 4,8); e o próprio Jesus dizendo: “Quem me vê, vê o Pai” (Jo 14, 9). Partindo disso, a grande investigação contemplada nesta pesquisa, consiste em explicitar a apreensão da realidade do amor de Deus que a cada vivência ritual é atualizada pela celebração do mistério pascal, evidenciando que tal apreensão se dá, não a partir de nossas considerações e conceituações, previamente estabelecidas, e sim “em realidade própria” do apreendido, partindo da experiência na qual Deus nos seduziu, mais forte nos foi e, sem forças para rebatê-lo, ficamos envolvidos em sua realidade de amor (cf. Jr 20,7).

As grandes alterações propostas pelo Concílio Vaticano II não ferem o núcleo do rito, como também não limitam as funções ministeriais dos ordenados, mas insistem na convicção de que todos os cristãos “participem” na ação sagrada e ofereçam juntamente com o sacerdote, não só pelas mãos dele, a hóstia imaculada (cf. SC, n. 48) e é missão dos presbíteros ensinar aos fiéis a oferecer a Deus Pai a vítima divina no sacrifício da missa, e a fazer, junto com ela a oblação de vida. (cf. PO, n. 5).

O apontamento aqui consiste no “*spatium participationis* - espaço de participação” àqueles que se reúnem em assembleia eucarística. Até porque, se for de convicção plena da Igreja, de que a Eucaristia é a plenitude da experiência “em Deus”, que não seja negada a nenhum fiel esta participação, pois isso é negar a mais nobre realidade divina. A partir deste dado, procede a afirmativa de uma possível apreensão primordial da realidade no culto eucarístico e discutir a busca de realidade nela. Assim, é fácil discutir, diante das práticas litúrgicas, o que é busca de realidade, já o que não se encaixa nesta busca senciente é pura sofística (Cf. TEJADE, *In*: ZUBIRI, 2011, p. XXI). Afinal,

É através da participação litúrgica que o mistério de Deus, revelado plenamente

em Jesus Cristo, se torna acessível de forma a todos os cristãos. É justamente sobre a participação litúrgica, direito e dever de todos os batizados, salientando a experiência ritual da fé como *momento histórico da salvação*, que se fundamenta este estudo (COSTA, 2005, p.13).

Cabe, portanto, nesta dimensão participativa, que a assembleia reunida forme um só corpo, na escuta da palavra de Deus, nos gestos e posições do corpo, nas orações e nos cantos e, sobretudo, na oblação comum do sacrifício e na comum participação da mesa do Senhor (BECKHAUSER, 2004, p. 64).

Retornando à eclesiologia do Concílio Vaticano II, a compreensão da Igreja enquanto povo de Deus apresenta-se muito nobre para a averiguação da participação senciante na liturgia. Essa expressão, advinda da tradição veterotestamentária de “povo eleito”, aponta, de forma objetiva, a pertença dos que compõem o grupo dos crentes, a Deus. No Antigo Testamento, Deus se revela como aquele que elege um povo enquanto preferido, elege para salvá-lo e para que ele seja sinal o sinal de que *lahweh* é Senhor de todos os povos. Ele é o Deus de clã. Tornando-o quase familiar, pode-se dizer que *lahweh* é o Pai dos clãs, das famílias, das tribos.

Aprove a Deus santificar e salvar os homens, não individualmente, excluindo toda a relação entre os mesmos, mas formando com eles um povo, que o conhecesse na verdade e o servisse na santidade. E assim escolheu Israel para seu povo, estabeleceu com ele uma aliança, e o foi instruindo gradualmente, manifestando na própria história do povo, a si mesmo e os desígnios de sua vontade e santificando-o para si (LG, n. 9).

Cristo estabeleceu um novo pacto, isto é, a nova aliança de seu sangue (cf. 1Cor 11,25), na qual une em comunhão judeus e gentios, constituindo, pelo Espírito, um novo povo de Deus (cf. LG, n.9), nova Israel, nova Jerusalém, seu corpo místico (cf. LG, n. 6). Fez isso na Cruz, maior manifestação de seu amor, assim como na última ceia, ao instituir o memorial de sua Paixão. Assim, quando o sacerdote diz ao povo, durante a celebração eucarística: “A paz Senhor esteja convosco”, e a assembleia litúrgica ao responder: “O amor de Cristo nos uniu” constata que o *Ágape* reuniu o povo para celebrar sua fé (COSTA, 2005, p. 26-27).

Nestes dados, há uma noção nova, de fundamental importância, para ser extraída acerca da apreensão primordial da realidade na liturgia; a noção de “relação”. Sentir-se em uma relação com Deus é, sem dúvida alguma, inteligência senciante em alto nível, afinal é compreender o amor de Deus através de sua ternura que abraça e abraça na realidade litúrgica. Se for possível afirmar que Deus tem a atitude de revelar-se (cf. DV, n. 2); fazer-se presente na história dos homens (cf. Jo 1,14); ensiná-los medidas amorosas (cf. Jo 15,13); e ainda, se é possível afirmar que a liturgia é a atualização dessa revelação, dessa presença e força amorosa, constata-se, portanto, a possibilidade de nela fazer o processo de apreensão de realidade

senciente, pois, neste espaço de celebração, uma realidade distinta e de uma força imensurável nos cativa e nos atrai para dentro de si. Para compreendermos melhor a concretude desta afirmativa, vejamos os três pontos que são fundamentais no modo de impressão da apreensão de realidade: formalidade do apreendido; momentos da apreensão; índole unitária deste modo de apreensão (ZUBIRI, 2011a, p.32).

3 | APREENSÃO DA REALIDADE EM XAVIER ZUBIRI

Consideramos que uma das maiores contribuições da filosofia de Xavier Zubiri para a ciência litúrgica é a apreensão da realidade.

A apreensão da realidade comporta três modos, sendo o primeiro e fundamental a apreensão primordial de realidade. Esta apreensão é aquela que acontece quando as coisas reais se dão aos nossos sentidos e à nossa inteligência. É simplesmente um dado que se faz presente para ser apreendido, por meio de impressão de realidade (COSTA, 2017, p. 213).

Assim, nesta pesquisa, nos detivemos na apreensão primordial da realidade, já a aplicando ao rito e ao espaço celebrativo, sendo eles momentos de apreensão da realidade divina. Sobre a apreensão, podemos afirmar que “não implica ainda nenhum juízo, mas apenas a captação das coisas reais que se dão aos sentidos e à inteligência” (COSTA, 2017, p. 213), sendo por isso um momento de sentir, sendo desprovido do pensar. Ela é também o momento fundamental para a apreensão da realidade.

Assim, pode-se afirmar que “não se vai à liturgia da Igreja para se estudar, mas para simplesmente acatar a presença da Trindade, que se nos apresenta por meio dos ritos e preces” (COSTA, 2017, p. 215). A liturgia não é o local do estudo da fé, mas de sua celebração. Por isso, a liturgia “imprime”, nos faz sentir a realidade amorosa de Deus, que será atualizada sempre que celebrada e também estudada. Isso posto, explanemos um pouco mais o pensamento de Zubiri.

3.1 Formalidade do apreendido

A respeito da formalidade do apreendido, é o modo de “ficar” do conteúdo da apreensão diante do apreensor (ZUBIRI, 2011a, p.23-24). Mas não é um ficar qualquer, mas “em próprio”. Aqui, ao falar de “em próprio”, não se refere à propriedade senão em seu sentido latíssimo: pertença a algo (ZUBIRI, 2011a, p.33). Isso revela uma formalidade da realidade, o “de seu” que, por ser real, está presente como real, como realidade.

Por este motivo pode-se averiguar, na Ceia do Senhor, o “de seu” de Deus, pois quando quem preside pronuncia as palavras: “O Senhor esteja convosco”, e toda a assembleia, convicta, responde: “Ele está no meio de nós”, aqui aparece

a senciência explicitando transbordante que, no conjunto do rito, sente Deus em realidade. Essa formalidade de realidade é, pois, como veremos o que leva da realidade apreendida à realidade para além da compreensão (ZUBIRI, 2011a, p.36). Por isso, o diálogo exemplificado entre o que preside e a assembleia é repetido tantas vezes dentro do rito, porque quanto mais se formaliza a realidade de Deus na apreensão da assembleia, mais ela adentra no mistério e, como se diz, o mistério de Deus nunca se esgota.

3.2 Momentos da apreensão

3.2.1 Afecção

Os momentos da apreensão são três: afecção; alteridade; força de imposição própria. Eles são modelados pela formalidade da impressão, conforme o próprio Zubiri estrutura quando trata a respeito dos modos de apreensão sensível (ZUBIRI, 2011a, p. 27-47). Ainda para ele, o homem tem um modo próprio de apreender a realidade que lhe rodeia.

Na afecção, o “senciente ‘padece’ a impressão” (ZUBIRI, 2011a, p. 14), quando a realidade “fica” nele, apreendendo as notas, qualidades ou propriedades do real, ou seja, aquilo que lhe pertence “em próprio”, que lhe é “de seu”. Na liturgia, a assembleia se sente afetada por Deus, “em próprio”, ou seja, pela própria realidade divina:

Depois da ressurreição de Cristo, a Igreja continua anunciando uma verdade concreta que as mãos tocam, os olhos veem, os ouvidos captam, pois o processo da salvação, por ser histórico, exige a mediação dos sentidos do corpo. (...) Se Ele não pode ser mais tocado pelos sentidos do corpo, haverá outra forma de fazê-lo por instrumental mediação. Agora, mais uma vez, o Senhor deve indicar o caminho pelo qual o processo da salvação continua na história. Aí entra em cena a liturgia (COSTA, 2005, p.10).

3.2.2 Alteridade

A realidade é estimulante. “Na afecção real, está-nos presente algo ‘outro’” (ZUBIRI, 2011a, p.37). Esse “outro” carrega um conteúdo distinto daquele que o apreende e ele “fica” conforme não a percepção do apreensor, mas sim em e por si próprio, sendo algo a ser apreendido e não simplesmente a ter uma resposta por estímulo, como nos animais (ZUBIRI, 2011a, p.38). Assim, ele percebe que a realidade é autônoma, o que Zubiri chama de “alteridade de realidade” (ZUBIRI, 2011a, p.39).

Vemos isso na experiência do ágape derramado na liturgia: Deus exprime o seu amor, aquilo que Ele é, à assembleia litúrgica reunida. O amor aqui é o “outro” conteúdo frente a apreensão. Porém, como já dito, independente da percepção, o conteúdo “amor” já é em e por si, desde antes de ser percebido. Deus não muda

seu amor não muda, conforme o encontro com os homens. Se assim o fosse, possivelmente, Deus deixaria de ser Deus, porque deixaria de amar como sempre amou. Neste sentido, outra noção é apresentada neste momento de alteridade, que é o princípio de anterioridade. A nota – expressão para exprimir as características do conteúdo formalizado frente a apreensão – é real em si mesma, é nisto que consiste o ser formalmente anterior ao seu próprio apresentar-se. Trata-se, pois, de uma anterioridade muito elementar, mas decisiva: o calor esquenta porque “já” é quente (ZUBIRI, 2011a, p.38).

3.2.3 Força de imposição própria

Para encerrar a explicação referente aos momentos da apreensão, falta compreender a “força de imposição própria”, contida na alteridade. Essa é a mais simples, pois consiste em apenas dizer que o apreendido se impõe com uma força nova: a força de realidade (ZUBIRI, 2011a, p.39). O conjunto destes três momentos da apreensão, são momentos de impressão sensível, ou impressão de realidade. Com eles, vemos que “o homem apreende em impressão a formalidade mesma de realidade” (ZUBIRI, 2011a, p.39).

3.2.4 Índole unitária

Existe uma unidade intrínseca da afecção real, da alteridade de realidade e da força de realidade. Essa unidade constitui o que é dito por apreensão da realidade. É uma apreensão, o apreendido é atualizado, estando o apreensor no apreendido. Essa apreensão é feita de modo direto, imediato e uno, sendo assim o real apreendido “em” e “por si mesmo”, sendo ela uma impressão (Cf. ZUBIRI, 2011a, p.40-43).

Sentir Deus no espaço litúrgico não é difícil, afinal, é nele que se celebra o Amor: originário, encarnado, derramado. É perceber que travar uma luta com a sua realidade no espaço litúrgico é verdadeiramente um combate desleal, considerando principalmente a sua força de imposição. É perceptível quando alguém nega sentir Deus na vivência da liturgia: permanecer no espaço litúrgico parece se tornar uma ação impossível de se realizar. Isso porque a Liturgia tem como fonte a Verdade, e, ao recusá-la, se torna denúncia e inflamação das mentiras que se acumula pela vida, ainda mais permanecendo em sua realidade. Assim, sábio foi Jeremias ao confessar:

Tu me seduziste, lahweh, e eu me deixei seduzir; tu te tornaste forte demais para mim, tu me dominaste. Sirvo de escárnio todo o dia, todos zombam de mim. Sempre que falo, devo gritar, devo proclamar: “violência e opressão!” Porque a palavra de lahweh tornou-se para mim opróbrio todo dia. Quando pensava: “não me lembrarei dele, já não falarei em seu nome”, então isto era em meu coração como fogo devorador, encerrando meus ossos. Estou cansado de suportar, não aguento mais (Jr 20,7-9).

4 | A PARTICIPAÇÃO LITÚRGICA-SCIENTE DOS FIÉIS NA CEIA DO SENHOR

No desejo ardente de se encontrar com Deus é que, em profunda e declarada fidelidade à Tradição, a Igreja, a partir do Concílio Vaticano II, atualiza a compreensão litúrgico-pastoral a respeito dos conceitos de relação e participação ao que se desenvolve na vivência ritual daquilo que se qualifica enquanto liturgia nas comunidades. Por primeiro, a participação, como visto acima, requer a disposição de todos os que compõem a assembleia. Para isto, é preciso entender e reafirmar que o conjunto dos batizados forma o Corpo Místico de Cristo, isto é, a Igreja – a assembleia litúrgica é expressão visível desse corpo. Por isso, quando se é referida a participação:

Supõe-se que deva ocorrer uma educação não somente no plano intelectual, limitando-se à transmissão de conteúdos. Torna-se necessário educar para a ritualidade, ou seja, envolver a pessoa humana como um todo, em suas várias dimensões: corporal, relacional, intelectual, afetiva, volitiva, intuitiva, imaginária, simbólica, experiencial, etc (BARONTO, 2000, p. 20-21).

Essa renovação litúrgica busca adequar a celebração da Ceia do Senhor aos apelos do homem contemporâneo, juntamente de todas as suas dimensões, seus anseios, suas alegrias e angústias, que constantemente busca o seu lugar no mundo (COSTA, 2012, p. 88-89). Assim, aparece uma nova preocupação: o espaço litúrgico como o lugar do sacramento da nova aliança com Deus. Este espaço, antecipação da Jerusalém Celeste, é “a tenda de Deus com os homens” (Ap 21,3), casa em que Deus habita, onde se busca contemplar a Deus, usando o caminho simbólico para atingir uma fidelidade mística, porque Deus é mistério absoluto (COSTA, 2005, p.15). Essa casa de Deus já não é mais um espaço físico e sim o povo santo, reunido pela unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo; é o templo, construído de pedras vivas, onde o Pai é adorado em espírito e verdade (PONTIFICAL ROMANO, Ritual da dedicação da Igreja e altar, n.1); é o conjunto dos fiéis que, através do batismo, unguidos e consagrados pelo Espírito, formam o edifício espiritual; é a Igreja, povo de Deus, Corpo Místico de Cristo. A casa verdadeira de Deus é a comunidade de fiéis que formam o corpo de Cristo (CNBB, 2007, p. 77). Por isso, Jesus pelos homens se santifica, para que os homens sejam santificados na verdade, e roga por eles, para que sejam um (cf. Jo 17,19-21).

O espaço físico sacramental deve ser expressão da assembleia das pessoas que compõem o ato celebrativo que será realizado. Todas as dimensões que o homem carrega consigo devem ser valorizadas e por conta disto:

a celebração litúrgica deve apresentar Jesus, que não descuidou de nenhum detalhe da pessoa humana, entre os quais a necessidade de alimentação, a autoconfiança, a saúde, o amor-caridade e a solidariedade com os excluídos. Foi exatamente num contexto de refeição em evocação ao alimento como necessidade

primária de sobrevivência individual (comida) e social (ceia) que Jesus instituiu o principal sacramento da salvação, doando-se a si mesmo como comida e bebida para a vida eterna (COSTA, 2005, p.13).

É desta experiência sacramental que procede o sentido e o significado ao espaço físico do culto ao sagrado, lugar da reunião dos fiéis para a celebração eucarística. Ele é um espaço simbólico. Romano Guardini afirma que o símbolo é a síntese da relação espírito-corpo na liturgia: ele “nasce todas as vezes que o interior, o espiritual, encontra expressão no exterior, no corpóreo” (GUARDINI, 2017, p. 60). “O altar é o símbolo tangível – o lugar – do encontro e da aliança entre Deus e o homem” (PASTRO, 2010, p. 276). Ele é, ao mesmo tempo, mesa do Senhor e ara do sacrifício, onde céus e terra trocam seus dons. Neste sentido, da participação nasce uma relação dialética no contexto litúrgico. Deus e homem, diante de uma mesa comum, realizam a partilha da vida e do alimento. E nesta perspectiva que se torna mais clara a noção de que Deus é que atrai os homens participantes da ação litúrgica para si.

À assembleia celebrante dos mistérios divinos, pode-se também adjetivar mais uma noção: eles são apreensores da realidade divina, manifestada através da unidade estabelecida e dos ritos litúrgicos celebrados neste espaço de participação. Sendo apreensores, pretendem apreender, por impressão, algum conteúdo. Isso é simples e a fenomenologia se deleita ao tratar a respeito do assunto. Porém, se afirmado que, nesta ação ritual, os apreensores apreendem um alguém, um “outro”, que os afeta “em próprio” e que tem, por excelência, uma “força de imposição própria” “em realidade” (ZUBIRI, 2011, p. 28-47) é preciso reconhecer que, por mais que sejam eles os que formam assembleia, que prestam atitudes e disposições visíveis, não são exatamente eles os promotores em si da vivência ritual, que é a liturgia, mas sim aquele alguém – um Totalmente Outro – apreendido, que se expõem e afeta aos convidados com sua força de imposição.

Durante a liturgia, os que verdadeiramente participam, se dispendo profundamente a viver a ritualidade, não conseguem escapar da força impositiva que o Totalmente Outro desenvolve sobre eles: Deus, promove o encontro, por meio do Amor encarnado, em vista de gerar relação com os homens. E, para que isso seja possível, no seu imenso amor, fala aos homens, como a amigos (cf. Ex 33,11; Jo 15,14-15) e conversa com eles (cf. Br 3,38), para os convidar e admitir a participarem da sua comunhão.

Desse modo, o Deus-Amor que se manifesta na liturgia permite com que façamos a experiência desse amor. Constata-se isso na narrativa da instituição e da consagração, na Oração Eucarística I quando o presbítero, em nome e em comunhão com toda assembleia reunida, profere as palavras do Senhor proclamadas na última ceia, consagrando o pão: numa atitude simbólico-ritual, ele eleva os olhos – como

previsto pela rubrica – e diz: “*elevou os olhos a vós, ó Pai, deu graças e o partiu e deu a seus discípulos dizendo: ‘TOMAI TODOS E COMEI: ISTO É O MEU CORPO, QUE SERÁ ENTREGUE POR VÓS’*” (MISSAL ROMANO. Oração Eucarística I). De certo, este momento é o mais evidente enquanto diálogo de amor, na celebração da Ceia do Senhor. Quando o presbítero, *in persona Christi*, se dirige ao Pai, fazendo a ação de graças, é um profundo diálogo de Deus e homem, pois o presbítero não se dirige ao Pai, tão somente, *in persona Christi*, mas também enquanto *corpus Christi*. Ou seja, *Christus totus: caput et corpus*, dialoga com o Pai com as palavras, mas também com seus gestos. Assim, toda a assembleia, por meio de seu presidente, se dirige, se sente amada e participante da realidade divina.

5 | CONCLUSÃO

Deus sendo o promotor – Pai, amor originário; quanto a mediação da relação – Jesus, amor encarnado; é que no mistério de sua realidade gera e chama a assembleia reunida, com sua disponibilidade e participação, para a *dialética do ágape*. Deus é puro amor, sua essência é amor, porque é comunidade (SUSIN, 2003, p. 31). Nisto consiste a experiência senciente, dentro da ciência litúrgica: a necessidade de permitir e promover que todos os batizados possam ter uma vivência ritual condigna. É necessário que os cristãos experimentem que não seguem um personagem histórico, mas sim Cristo vivo, presente no hoje e no agora de suas vidas, que caminha ao nosso lado, descobrindo-nos o sentido dos acontecimentos da vida, entrando em nossas casas e permanecendo nelas, alimentando-nos com o Pão que dá a vida (BENTO XVI, 2007, p.258).

Após louvar e experimentar o Deus-Amor, todos os membros da assembleia litúrgica são impelidos a fazerem o que apreenderam: amar. Aqueles que celebram e louvam a Deus, devem ter o compromisso de amar os irmãos, de modo concreto.

Portanto, a liturgia pode ser descrita como a “realidade”, que não se apresenta a nós apenas na intelecção, fundada pela “força do real” que religa a assembleia reunida e a submete à sua força de atração própria. Mas como lugar da experiência e do encontro com Deus-Amor, que nos sustente e nos impele à prática desse amor. Que na liturgia, todos os celebrantes possam sentir a força de Deus, realidade fundante de toda a vida, e a Ele possam se oferecer, consagrando a vida àquele que os chama à comunhão.

REFERÊNCIAS

BÍBLIA DE JERUSALÉM. Paulus: São Paulo, 2011.

BARONTO, Luiz Eduardo Pinheiro. **Laboratório litúrgico pela inteireza do ser na vivência ritual**. São Paulo: Salesiana, 2000.

BECKHAUSER, Alberto. **Apresentação de Instrução geral sobre o Missal Romano**. Petrópolis: Vozes, 2004.

BENTO XVI. Discurso inaugural do Papa Bento XVI. in: CONSELHO EPISCOPAL LATINO-AMERICANO. **Documento de Aparecida**: Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. 4. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas; Paulus, 2007.

CONCÍLIO VATICANO II. **Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II**. Tradução da Tipografia Poliglota Vaticana. São Paulo: Paulus, 1997.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Guia litúrgico-pastoral**. 2. ed. Brasília: CNBB, 2006.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Liturgia em mutirão**: subsídios para a formação. Brasília: CNBB, 2007.

COSTA, Valeriano Santos. **Liturgia das horas**: Celebrar a luz pascal sob o signo da luz do dia. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **Noções teológicas de liturgia**. São Paulo: Ave Maria, 2005.

_____. **Viver a realidade litúrgica como momento histórico da salvação**: participação litúrgica segundo a Sacrosanctum Concilium. São Paulo: Paulinas, 2005.

_____. **O amor de Deus**: Teologia da Redenção. São Paulo: Palavra e Prece, 2012.

_____. Inteligência senciente e liturgia, in: **Revista de Cultura Teológica**, Ano XXV, nº 90, jul/dez 2017.

GUARDINI, Romano. **O Espírito da Liturgia**. Traduzido por Antônio Pinto de Carvalho. 2. ed. Fátima, Portugal: Secretariado Nacional de Liturgia, 2017.

MISSAL Romano. Restaurado por decreto do Sagrado Concílio Ecumênico Vaticano II e promulgado pela autoridade do Papa Paulo VI. Tradução portuguesa da segunda edição típica para o Brasil, realizada e publicada pela Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, com acréscimos aprovados pela Sé Apostólica. São Paulo: Paulus, 1993.

PASTRO, Cláudio. **A Arte no Cristianismo**: Fundamentos, linguagem, espaço. São Paulo: Paulus, 2010.

PONTIFICAL ROMANO. São Paulo: Paulus, 2000.

SECRETAN, Philibert (org). **Introdução ao pensamento de Xavier Zubiri**. Traduzido por Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: É Realizações, 2014.

SUSIN, Luiz Carlos. **Deus**: Pai, Filho e Espírito Santo. São Paulo: Paulinas, 2003.

ZUBIRI, Xavier. **Inteligência e Realidade**. Traduzido por Carlos Nougué. São Paulo: É Realizações, 2011a.

_____. **Inteligência e logos**. São Paulo: É Realizações, 2011b.

SOBRE OS ORGANIZADORES

Marcelo Máximo Purificação - Pós-doutor em Educação pela Universidade de Coimbra, Portugal. Doutor em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás -2014). Doutorando em Ensino pela Universidade do Vale do Taquari (UNIVATES 2017). Mestrado Profissional em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela Escola Superior de Teologia - EST/UFRGS e Mestre em Ciências Educacionais pela UEP. A nível de graduação, possui formação multidisciplinar (licenciatura e bacharelado) cursados no período (1993-2011), sendo: Licenciatura Plena em Matemática (UEG), Licenciatura em Pedagogia (ICSH/UFG), Licenciatura em Filosofia (FBB/UNIT) e Bacharelado em Teologia (FATEBOV). Professor Titular C-I (Estatutário) da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior FIMES/UNIFIMES, lotado na Unidade Básica das Humanidades. Professor P-IV da Secretaria Estadual de Educação de Goiás SEDUCE/GO. Professor Permanente no Mestrado Profissional em Intervenção Educativa e Social (MPIES) da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) Linha de Pesquisa: Novas de Subjetivação e Organização Comunitária. [Sem vínculo empregatício]. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu - Mestrado em Educação) da Faculdade de Inhumas – FACMAIS - Linha de Pesquisa: Educação, Instituições e Políticas Educacionais. Professor Coorientador nos Programas de Pós-Graduação em Ensino (PPGEns) e Ciências Exatas (PPGECE) da Universidade do Vale do Taquari - UNIVATES. Coordenador do Grupo de Pesquisa (NEPEM/UNIFIMES); Editor adjunto da Revista Educação, Psicologia e Interfaces da UFMS. Atualmente pesquisa e escreve sobre os seguintes temas: ensino; formação de professores; currículo; processos educativos; violência escolar; e filosofia e seus eixos temáticos. E-mail: maximo@unifimes.edu.br

Elisângela Maura Catarino - Pós-doutora em Educação Especial pela Escola Superior de Educação de Coimbra – ESEC/Pt. Doutora em Ciências da Religião pela PUC-Goiás. Mestra em Teologia: Educação Comunitária Infância e Juventude pela EST/UFRGS. Graduada em Letras pela UEG e em Filosofia pelo ICSH. Professora efetiva da Secretaria Estadual de Educação de Goiás e Professora Titular da Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior (FIMES). Pesquisadora vinculada ao Núcleo de Estudo Pesquisa Multidisciplinar (NEPEM) Colíder do Grupo de Estudos... da UFMS. Atualmente estuda e pesquisa sobre a Educação Especial e Formação do Leitor. E-mail: maura@unifimes.edu.br

ÍNDICE REMISSIVO

A

Animismo 1, 2, 3

Aspecto religioso 71, 72, 75, 76

C

Cristologia 22, 30, 31, 33, 44, 45, 46, 47, 48, 51, 136

Cura 3, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 161, 163, 165, 172, 176, 179

D

Diferenças 23, 107, 110, 114, 120, 137, 138, 139, 140, 141, 146, 152, 170

E

Ecumenismo 77, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 102, 103, 104, 105

Educação ambiental 131, 133, 134, 136

Escuta 10, 38, 39, 40, 41, 42, 116, 163

Espiritismo 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 106, 116

G

Gamificação 118, 128, 129

Globalização 61, 62, 63, 64, 69, 77, 112, 113, 192

H

HIV 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

I

Inteligência senciente 7, 8, 9, 10, 17

L

Laudato si' 1, 2, 3, 4, 5, 6, 135, 136

Liturgia 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 22, 38, 39, 40, 41, 42, 43

M

Maçonaria 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92

Mulher 136, 153, 158, 159, 160, 161, 163, 165

N

Natureza 2, 3, 4, 5, 18, 22, 28, 57, 59, 77, 83, 96, 98, 99, 100, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 155, 157

Nilismo 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

P

Palavra de Deus 18, 19, 22, 38, 39, 40, 41, 42

Pluralismo religioso 82, 93, 96, 188

Povo crucificado 44, 46, 47, 48, 50

Profeta fronteiroço 61, 65, 67

R

Reconhecimento 37, 47, 67, 100, 110, 112, 113, 123, 137, 139, 140, 144, 150

Relacionamento 101, 102, 106, 108, 109, 110, 115, 161

Religião 1, 2, 6, 52, 53, 55, 56, 58, 59, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 79, 85, 87, 91, 93, 111, 112, 116, 118, 119, 121, 122, 123, 124, 130, 131, 163, 167, 168, 172, 174, 175, 176, 177, 179, 182, 183, 184, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194

Religiosidade 2, 3, 4, 72, 77, 117, 153, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 185, 186, 187, 188, 189, 191

Romanização 79, 80, 85, 86, 90

S

Silêncio 38, 39, 40, 41, 42

Sustentabilidade 131, 132, 133, 134, 135, 136

T

Teologia da libertação 44, 50

V

Valores 32, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 67, 68, 69, 80, 85, 88, 108, 109, 112, 113, 114, 138, 146, 150, 184, 186, 190, 191

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-7247-845-8



9 788572 478458